



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

**JULIENE FRANCELINO DA SILVA**

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA DE LIA EM *AS MENINAS*, DE  
LYGIA FAGUNDES TELLES**

**GUARABIRA – PB**

**2021**

JULIENE FRANCELINO DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA DE LIA EM AS *MENINAS*, DE LYGIA  
FAGUNDES TELLES**

Trabalho apresentado ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura Brasileira

**Orientador:** Profa. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA – PB**

**2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Juliene Francelino da.  
A representação feminina de Lia em As meninas, de Lygia Fagundes Telles [manuscrito] / Juliene Francelino da Silva. - 2021.  
24 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de Letras - CH."  
1. Figura Feminina. 2. Lia. 3. Regime ditatorial. 4. Romance. I. Título  
  
21. ed. CDD 869.1

JULIENE FRANCELINO DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA DE LIA EM AS *MENINAS*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Trabalho apresentado ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 27/09/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

*Rosângela Neres A. Silva*

Profª. Drª. Rosângela Neres Araújo da Silva  
Orientadora (UEPB)

*Paulo Vinícius Ávila Nóbrega*

Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega  
Examinador (UEPB)

*Priscila Soares de Oliveira*

Profª. Espª. Priscila Soares de Oliveira  
Examinadora (UEPB)

À minha família, a quem tanto prezo e  
admiro, e a todas as mulheres que  
lutaram contra a ditadura militar,  
DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela sua infinita misericórdia e bondade em minha vida. Por ter me dado forças, discernimento e sabedoria para lidar com as adversidades que surgiram no meio do caminho da vida acadêmica.

Agradeço à minha família, em especial aos meus pais, Francisca e José, e aos meus avós maternos, Maria Antônia e Antônio, por terem sempre me ofertado tanto amor e carinho, por terem se esforçado tanto para me proporcionarem as melhores coisas da vida. Eu amo vocês.

Agradeço a todos da minha turma 2017.1, pois todos, de alguma maneira, contribuíram para que eu me tornasse o ser humano que sou hoje.

Agradeço aos meus amigos Joyce, Juliana, Clarice, Joabe e Amanda, que foram presentes de Deus em minha vida, os quais tive o privilégio de conhecer através da UEPB. Sou grata por toda parceria, amizade, força, carinho, amor e puxões de orelha recebidos durante esse percurso. Vocês foram essenciais nessa caminhada, que às vezes, se torna tão árdua; ah, se todos tivessem a sorte de encontrar com pessoas como vocês. Eu os amo e desejo tê-los sempre comigo.

Agradeço ao meu motorista, Nivaldo, por toda paciência e compreensão durante esse período e, em especial, a todos os meus amigos, que prefiro não especificar com nomes, para não correr o risco de esquecer de citar alguém.

A minha orientadora, Rosângela Neres, agradeço por ter aceitado o meu convite e por estar sempre à disposição nos momentos em que precisei. Obrigada por toda empatia e paciência durante os meus momentos de dúvida. À senhora, toda minha admiração e carinho.

Agradeço a todos os professores que passaram em minha vida e que contribuíram positivamente no meu crescimento pessoal e profissional, em especial as pessoas de, Paulo Vinícius, Antônio Flávio e Danielle Mendes.

Vocês são exemplos de profissionais e seres humanos. Obrigada por sempre me incentivarem a alçar voos mais altos. Aproveito para salientar que é uma grande satisfação ter o professor Paulo Vinícius e Priscila Soares como examinadores de minha banca.

Agradeço as turmas 2019.2 e 2020.1 de Literatura do Brasil Colonial, as quais tive a oportunidade de ser monitora sob a orientação da professora Rosângela. Agradeço também, a Bárbara Laíze por toda parceria durante o período de monitoria. Foi ótimo compartilhar conhecimentos e risadas com vocês. Aproveito também para agradecer ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela oportunidade de poder aperfeiçoar a minha prática pedagógica.

Agradeço a instituição (UEPB) pelo acolhimento, à coordenação do curso de Letras e aos demais funcionários que também colaboraram com a minha formação pessoal e profissional. Na oportunidade, agradeço a pessoa de Dona Lúcia, a qual sempre me acolheu como filha em sua lanchonete, não só a mim, mas a todos os meus colegas.

*“[...] quero ficar só. Gosto muito das pessoas mas essa necessidade voraz que às vezes me vem de me libertar de todos. Enriqueço na solidão: fico inteligente, graciosa e não esta feia ressentida que me olha do fundo do espelho. Ouço duzentas e noventa e nove vezes o mesmo disco, lembro poesias, dou piruetas, sonho, invento, abro todos os portões e quando vejo a alegria está instalada em mim.”*

– Lygia Fagundes Telles (2009, p. 153)



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 O ROMANCE MODERNISTA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 LITERATURA MODERNISTA: A ESCRITA FEMININA.....</b>	<b>14</b>
<b>4 LYGIA FAGUNDES TELLES E AS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS .</b>	<b>16</b>
<b>5 LIA DE MELO SHULTZ: MULHER E RESISTÊNCIA .....</b>	<b>18</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## A REPRESENTAÇÃO FEMININA DE LIA EM AS *MENINAS*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Juliane Francelino da Silva\*

### RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar a representação feminina mediante os dramas pessoais e sociopolíticos enfrentados pela personagem Lia de Melo Schultz, no romance *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles. A relevância dessa pesquisa sobrevém das possibilidades de reflexão diante dos dilemas enfrentados pela personagem, bem como o reconhecimento da opressão às mulheres imposta pelo patriarcado na época. Como referencial teórico para essa pesquisa tomamos por base os estudos de Forster (2005) que tratará dos aspectos referentes ao romance, Candido (2014) para pontuar sobre a personagem de ficção e a personagem do romance, Gancho (1995) para analisar estruturalmente a narrativa e, por fim, Brandão (2004), Zolin (2009) e Colling (2015) para tratar da presença feminina, na escrita e na literatura, como também da luta feminina contra a ditadura. A fim de evidenciar as problemáticas e obter os resultados da pesquisa, realizamos uma investigação bibliográfica, de cunho qualitativo e de caráter descritivo/interpretativo/explicativo, desenvolvida através das falas e posicionamentos da personagem Lia.

**Palavras-Chave:** Figura feminina; Lia; Regime ditatorial; Romance.

---

\* Graduanda em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: juliene.silva@aluno.uepb.edu.br

## ABSTRACT

The objective of this research is to analyse the female representation of the personal and sociopolitical dramas lived by character Lia de Melo Schultz, in the novel *As Meninas*, from Lygia Fagundes Telles. The work relevance comes from the reflection possibilities before the dilemma faced by Lia, as well as the acknowledgement of the women oppression imposed by the time of patriarchy. As theoretical references, the study was based on Forster (2005) related to the romance aspects; Candido (2014) to indicate about the novel characterers and fiction character; Gancho (1995) to analyse the novel struture and narrative; and Brandão (2004), Zolin (2009) and Colling (2015) to lead with the female presence in the literary written, in the famale struggle against the dictatorship. To show the problems and results, in terms of Lia's speech and points of view, it was carried out the bibliographical investigation, of a qualitative nature and a descriptive/interpretative/explanatory features.

**Keywords:** Female figure; Lia; Dictatorship regime; Novel.

## 1 INTRODUÇÃO

A obra “As Meninas”, de Lygia Fagundes Telles, foi publicada em 1973, época em que acontecia a Ditadura Militar. O romance narra a história de três moças universitárias que convivem em um pensionato administrado por freiras na cidade de São Paulo. A jovem Lorena Vaz Leme é uma moça delicada, estudante de Direito e pertencente a uma família burguesa, Loreninha, como é chamada pelas amigas, alimenta uma paixão por um homem casado, porém se mantém virgem. Lia de Melo Schultz, a Lião, é filha de pais nordestinos, estudante de Ciências Sociais e militante de esquerda, engajada na luta direta contra a Ditadura Militar. Ana Clara Conceição, chamada pelas amigas de Ana Turva, é modelo, estudante de psicologia, a jovem é viciada em drogas e sonha em se casar com um homem rico.

A obra apresenta dois tipos de narração, uma feita em 1º pessoa pela fala das três meninas e outra feita pelo narrador em 3º pessoa. Esse tipo de narração permite que o leitor conheça a obra através de olhares diferentes, através do olhar das próprias personagens que vivenciam os fatos que narram e através do olhar do narrador observador que não faz parte da história e se ocupa apenas em observa-la e narrá-la.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a representação feminina através da personagem Lia de Melo Schultz. Os objetivos específicos são: (1) mostrar, através dos dramas pessoais, políticos e sociais enfrentados pela personagem, a força e a resistência existentes na figura feminina, principalmente no período da ditadura militar, visto que esse era o contexto em que a personagem estava inserida, (2) apontar a opressão exercida pelo patriarcado sobre as mulheres e os decorrentes resultados dessa opressão.

A relevância desse trabalho se dá através da importância de o leitor refletir, através dos dramas pessoais, políticos e sociais enfrentados pela personagem Lia, a situação feminina daquela época e como o patriarcado influenciou na opressão sofrida pelas mulheres e que perdura até os dias atuais.

Como referencial teórico para essa pesquisa, utilizamos os estudos de Forster (2005) que trará pontuações pertinentes sobre os aspectos do romance, Candido (2014) que pontua sobre a personagem do romance, Bosi (1994) que trata sobre aspectos da modernidade e das tendências contemporâneas e Branco e Brandão (2004) que tratam sobre a mulher na escrita e a mulher na literatura.

A fim de evidenciar as problemáticas e obter os resultados da pesquisa realizamos uma investigação bibliográfica, de cunho qualitativo e de caráter descritivo/interpretativo/explicativo, pois foi desenvolvida a partir das falas e posicionamento da personagem Lia.

Dito isto, no próximo tópico trataremos de questões pertinentes sobre o Romance Modernista, como surgiu, e quais contribuições trouxe para a nossa sociedade brasileira.

## 2 O ROMANCE MODERNISTA

Sabemos da existência dos vários gêneros narrativos, sendo os mais conhecidos o conto, a novela, a crônica e o romance. Assim como todos os gêneros literários, as narrativas possuem suas próprias características e precisam de alguns elementos essenciais para serem produzidas, que são eles: o enredo, o espaço, o tempo, as personagens e o narrador. Sendo assim, nesse trabalho nos dedicaremos ao estudo do gênero narrativo romance.

Como afirma Gancho (1995) o Romance se diferencia das outras narrativas por ser uma narrativa mais longa e por possuir um número maior de personagens, além de incluir uma quantidade maior de conflitos, como também o tempo e o espaço tendem a ser mais expandidos. É importante ressaltar que, existem vários tipos de romance, porém, nos deteremos ao estudo do romance modernista, o qual se adequa a obra que é fonte de pesquisa desse trabalho.

O Romance Modernista no Brasil é visto através da estética literária do Modernismo, que iniciou após a I Guerra Mundial e se consolidou com a *Semana de Arte Moderna*<sup>2</sup>, em 1922. O Modernismo trouxe grandes contribuições para a sociedade brasileira e veio romper com os modelos estéticos que prevaleciam na época. A escrita literária passa a discutir e criticar os problemas sociais e políticos, fazendo assim com que a sociedade, através da literatura, pudesse refletir e ter conhecimento sobre os problemas que ocorriam na época.

Outra questão para se destacar é como a cultura do nosso país passou a ser mais explorada nas obras; o regionalismo passa a ser bem mais presente, assim também como a linguagem mais simples passa a fazer parte das obras literárias, pois, a estética Modernista buscava retomar a identidade do Brasil. É importante ressaltar, a presença de características psicológicas dos personagens, principalmente nos contos e romances dos autores da última geração do modernismo.

Como falado anteriormente, os gêneros narrativos apresentam características fundamentais para que possam ser produzidos, assim, o romance apresenta aspectos fundamentais sem os quais ele não existiria. Forster, em sua obra *Aspectos do romance* (2005, p.35), aponta que: “Um romance conta uma estória. É este o aspecto fundamental sem o qual ele não existiria. É o fator mais elevado que todos os romances têm em comum.” Ou seja, sem estória não existe romance, e essa história deve ser verossímil, deve fazer com que o leitor tenha curiosidade em saber o que vai acontecer depois, pois se a estória não consegue alimentar essa curiosidade no leitor, ela fracassa.

É importante destacar que, o enredo não é a mesma coisa de uma estória, apesar de muitas pessoas acharem que sim. Neste sentido, Forster (2005, p.37) afirma que: “Uma estória, aliás, não é a mesma coisa que um enredo. Ela pode formar a base de um, mas o enredo é um organismo de tipo superior [...]”. Inclusive, acreditamos que sem uma estória, não há possibilidade da existência de um enredo.

---

<sup>2</sup> “A Semana foi, ao mesmo tempo, o ponto de encontro das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural.” (BOSI, 1994, p.340)

Após as discussões sobre esse aspecto fundamental para o romance, nos voltemos agora para as personagens, que apesar de muitos acreditarem ser o seu elemento essencial, não é, pois a personagem não consegue ter vida sozinha, ela precisa dos outros aspectos que são essenciais para a formação do romance para se manter viva. Sobre a personagem, Cândido mostra que:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que sendo uma criação da fantasia comunica a impressão da mais lídima verdade existencial (CANDIDO, 2014, p. 55).

Assim, a personagem do romance, apesar de ser um ser fictício, apresenta aspectos da realidade, fazendo assim com que o leitor se identifique de alguma maneira com a personagem. Inclusive, essa identificação do leitor com o personagem tende a acontecer com frequência na obra “As Meninas”, principalmente com a personagem analisada nesse trabalho, Lia, pois a mesma enfrentava situações que assemelham às de várias outras mulheres, como por exemplo, o enfrentamento direto contra a ditadura militar.

Muitas vezes, quando acontece de nos identificarmos com as personagens e criarmos um laço afetivo com algumas delas, seja pelo simples fato de elas aparentarem ter mais liberdade que nós e por viverem situações que, aos nossos olhos, seriam impossíveis de acontecer na vida real, dizemos que tal personagem nos representa. Candido aponta que:

Neste mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, — ao contrário do caos da vida — pois há nelas uma lógica preestabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes (CANDIDO, 2014, p. 67).

Isso significa que, na ficção, as personagens não tem a mesma liberdade que nós temos no mundo real, e que apesar de, termos a impressão que elas são mais livres que nós e que determinadas situações não teriam a possibilidade de acontecer no mundo real, talvez, na verdade, sejamos nós que não temos a liberdade de tornar real determinadas situações.

Rosenfeld afirma que, na ficção:

[...] o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar, visto o desenvolvimento individual se caracterizar pela crescente redução de possibilidades. [...] É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas, graças aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais; [...] (ROSENFELD, 2014, p. 46).

No que se refere à classificação das personagens, de acordo com Gancho (1995), elas podem ser classificadas como protagonistas, antagonistas ou personagens secundárias. A personagem protagonista, é a personagem na qual o enredo da história gira ao seu redor, é a famosa personagem principal; a personagem antagonista é aquela que tem atitudes contrárias à protagonista e

que tenta, através de suas ações, atrapalhar o sucesso da protagonista. Já as personagens secundárias são aquelas que não possuem grande participação na história, funcionando como um suporte da personagem principal ou da antagonista.

Quanto à caracterização das personagens, Gancho (1995, p.16-18) aponta que podem se caracterizar em personagens planos e personagens redondos. Os personagens planos são “personagens caracterizados com um número pequeno de atributos, que os identifica facilmente perante o leitor; de um modo geral são personagens pouco complexos.”; já os personagens redondos são “mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características [...]”. Essa variedade de características encontradas nos personagens redondos são características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais.

No que se refere a essas classificações e caracterizações das personagens, Lia se classifica como *personagem protagonista*, pois é uma das personagens principais da obra *As Meninas*. Em relação à caracterização, a personagem se caracteriza como *personagem redonda*, pois, na obra, ela é apresentada com uma variedade de características distintas.

A seguir, iremos apresentar o tópico que apresentará estudos sobre a figura feminina, sobre como a figura feminina era representada na literatura antes que as mulheres fizessem parte desta, e sobre toda a luta que as mulheres precisaram enfrentar para estarem no lugar que ocupam hoje na nossa literatura.

### 3 LITERATURA MODERNISTA: A ESCRITA FEMININA

Sabe-se que, por muito tempo, as mulheres foram apagadas da literatura, pois, às mulheres não era conferido o direito e o ofício da escrita. Com isso, as personagens femininas eram apresentadas através do olhar masculino, muitas vezes estereotipadas e mal representadas. Sobre esse aspecto, Brandão comenta que:

A personagem feminina, construída e produzida no registro masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível (BRANDÃO, 2004, p.11).

Nesse sentido, a personagem feminina que aparece nas obras de autoria masculina, muitas vezes, não faz jus ao que é a mulher na realidade. Essa mulher é uma idealização masculina e aparece como a mulher ditada pelos estereótipos criados por sistema patriarcal<sup>3</sup>, com padrões preestabelecidos e impostos pela sociedade. Muitas são as obras de autoria masculina nas quais as personagens femininas como umas das protagonistas,

---

<sup>3</sup> [...] utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões, travadas no contexto do pensamento feminista, que envolvem a questão da opressão da mulher ao longo de sua história. (ZOLIN, 2009, p. 219)

e que apresentam esses estereótipos são notórios, a exemplo das obras de José de Alencar e suas protagonistas, que Brandão aponta como: “Passageiras da voz alheia, Lucíola, Diva, Aurélia ou Amália circulam como protótipos do amor de abnegação, cego desaparecimento no espelho de seus heróis.” (2004, p.13).

A inserção das mulheres no mundo da escrita foi marcada por um percurso muito difícil, segundo Tedeschi (2016, p.158): “a escrita era um fruto proibido para as mulheres, era-lhes permitido, nas raras exceções, aproximar-se desse fruto desde que ele não as fizesse cair em tentação, ou seja, escrever.”

A partir do final do século XVIII é dada a possibilidade da escrita às mulheres, porém, elas não podiam escrever sobre os temas que queriam; eram-lhes reservadas as escritas de receitas e manuais de boas maneiras. Com o passar dos tempos, a mulher foi conquistando o seu espaço no âmbito da escrita e foi-lhe dado o direito de escrever cartas e diários.

Nas cartas e diários, era permitido registrar assuntos triviais, como o dia a dia da mulher em sua casa. Seus sentimentos e aspirações não eram temas abordados nesses textos. Nascimento (2015, p. 292) mostra que “[...] foi apenas no fim do século XIX e início do XX que o diário pessoal adquiriu as características que possui hoje, como ‘livro do eu’ e escritura tipicamente feminina, onde foram expostos sentimentos, questionamentos [...]”.

Sabe-se da grande contribuição do movimento feminista no que diz respeito aos direitos que foram conquistados pelas mulheres, dentre eles, o direito ao voto, o acesso à educação, as leis de proteção à mulher, dentre tantos outros direitos. Na literatura, não poderia ser diferente, o movimento feminista contribuiu positivamente para que as mulheres tivessem o direito de escrever não só sobre si mesma, mas representar a luta das outras mulheres através de suas personagens. Zolin aponta que:

No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão se deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher (ZOLIN, 2009, p.217).

Diante disso, é importante ressaltar as fases da escrita de autoria feminina apresentadas por Zolin (2009), que são a fase feminina, feminista e a fase fêmea. A fase *feminina* é fase a qual aparece os primeiros escritos femininos, no qual a mulher ainda é descrita de maneira tradicional, em que ainda apresenta os valores patriarcais como referência; A fase *feminista* é a fase na qual as escritoras começam a questionar o papel da mulher na sociedade, sendo assim, é tida como uma fase de protesto; Já a fase *fêmea* é marcada por escritoras que apresentam personagens femininas independentes, livres, personagens que não estão mais presas as marcas do sistema patriarcal.

Muitas são as autoras que fazem parte da fase feminista, autoras como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft e tantas outras, trazendo, em seus romances e contos, personagens que não se conformavam com sua condição na sociedade e passam a refletir e questionar sobre ela. É uma fase



de suma importância para a literatura de autoria feminina, visto que, a partir desses questionamentos, a mulher passa a se reconhecer como ser social.

Trata-se de escritoras que, tendo em vista a mudança da mentalidade descortinada pelo feminismo em relação à condição social da mulher, lançam-se no mundo da ficção, até então genuinamente masculino, engendrando narrativas povoadas de personagens femininas conscientes do estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher (ZOLIN, 2009, p. 329).

Diante disso, percebemos o quanto as mulheres lutaram para conquistar seu espaço e serem reconhecidas na literatura feminina. No entanto, muitos são os obstáculos que ainda precisam ser vencidos para que as mulheres possam ter direitos iguais aos dos homens. Muitas já foram as conquistas, mas para que haja essa igualdade entre os gêneros, é necessário que as mulheres se unam em busca de uma mesma causa: a luta contra as ideologias machistas que são o resultado da manutenção e permanência do sistema patriarcal.

No próximo tópico falaremos um pouco de Lygia Fagundes Telles, trazendo sua biografia e a apresentação de suas principais obras como forma de mostrar ao leitor a grande contribuição de Lygia para a Literatura Brasileira.

#### **4 LYGIA FAGUNDES TELLES E AS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS**

Para compreender melhor o contexto de obras literárias, se faz importante conhecer o contexto de vida social dos seus autores. A autora Lygia Fagundes Telles nasceu no estado de São Paulo, no ano de 1923. Seus pais eram a pianista Maria do Rosário Silva Jardim de Moura e o advogado Durval de Azevedo Fagundes. Lygia foi casada com o jurista Goffredo Telles Júnior com quem teve seu único filho Goffredo da Silva Telles Neto. Após o divórcio, Lygia se casou com o professor Paulo Emílio Salles Gomes. A escritora se formou em Direito e Educação Física na Universidade de São Paulo (TELLES, 2009).

Ainda na adolescência, é despertada em Lygia a paixão pela literatura, publicando seu primeiro livro de contos *Porão e Sobrado*, edição que, na época, foi patrocinada pelo seu pai. Em 1944, Lygia estreia oficialmente na literatura com a publicação do livro de contos intitulado *Praia Viva*. Em 1945, a autora lança sua terceira obra de contos *O Cacto Vermelho*, a obra recebeu o prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras (TELLES, 2009).

No ano de 1954, a autora publica seu primeiro romance *Ciranda de Pedra*, o qual é adaptado em telenovela pela Rede Globo em 1981. Essa obra é tida por Antonio Candido como a obra em que Lygia atinge a maturidade literária. Em 1964, é publicado seu segundo romance *Verão no Aquário*. Em 1967, a autora escreve junto com seu segundo marido, Paulo Emílio, o roteiro *Capitu* para o cinema, baseado na obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (TELLES, 2009).

Em 1970, é publicada uma de suas obras mais importantes, o livro de contos *Antes do Baile Verde*. Em 1973, é lançado o romance *As Meninas*, o qual recebeu os prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; Coelho Neto,

da Academia Brasileira de Letras e o de Ficção da Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 1977, é lançada a coletânea de contos *Seminário dos Ratos*, que é premiado pelo Pen Club do Brasil. No ano de 1978 é lançada mais uma coletânea de contos, o livro *Filhos Pródigos*, o qual é republicado em 1991 com o título *A Estrutura da Bolha de Sabão* (TELLES, 2009).

Em 1980, é publicada a obra *A Disciplina do Amor*; a obra recebeu o prêmio Jabuti e o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 1989, é lançado o quarto romance da autora, intitulado *As Horas Nuas*, a obra recebeu o prêmio Pedro Nava como melhor livro do ano. No ano de 1995, é lançado *A Noite Escura e Mais Eu*, que recebeu os prêmios Jabuti, Arthur Azevedo da Biblioteca Nacional e o Aplub de Literatura. Em 2000, é lançada mais uma coletânea de contos *Invenção e Memória*, a obra recebeu os prêmios Jabuti e o Golfinho de Ouro (TELLES, 2009).

As últimas obras publicadas da autora foram: *Durante Aquele Estranho Chá* (2002), *Conspiração de Nuvens* (2007) que recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos da Arte, *Passaporte Para China* (2011) e por último é publicado em 2018 pela editora Companhia das Letras a obra *Os Contos*, a qual reúne todos os contos da autora.

Lygia se encontra inserida na geração modernista de 45 e seus textos fazem parte da literatura intimista. Os textos que fazem parte dessa literatura, geralmente, não focam em apresentar características físicas dos personagens, mas apresentam o íntimo, os sentimentos humanos, os conflitos internos dos indivíduos. Sobre isso Bosi (1994, p. 417) nos diz que: “Nem sempre a introspecção romanesca mergulha nas zonas do sonho e do irreal. Pode deter-se na memória da infância ou fixar-se em estados de alma recorrentes no indivíduo, sem que o processo implique necessariamente em transfiguração.”

A autora é considerada a dama da literatura brasileira e, através de seus textos, ela trata de vários temas que ainda hoje são considerados tabus, como: o aborto, a homossexualidade, o adultério, a virgindade e diversos tipos de preconceitos. Além de tratar desses temas, a autora dá voz às figuras femininas, inclusive, para alguns críticos, as suas obras são consideradas eminentemente femininas. Bernardino aponta que:

A obra ficcional de Lygia Fagundes Telles prioriza, sobretudo, o protagonismo feminino e, assinala as mudanças pelas quais a sociedade vem passando. Suas personagens carregam um importante papel, o de realizar essas mudanças sociais e, transgredir padrões tradicionais de comportamento (BERNARDINO, 2020, p.24).

Em todos os seus romances, Lygia apresenta figuras femininas como personagens protagonistas, inclusive na obra *As Meninas*, que é objeto de análise desta pesquisa. Nela, a personagem Lia tenta desconstruir o papel que é oferecido à mulher, na sociedade da época.

Ler Lygia, enquanto mulher, é se reconhecer através de suas personagens, é se redescobrir, pois elas representam as mais variadas mulheres do nosso país: as prostitutas, as oprimidas, as violentadas, as resistentes; e acima de tudo, representa a força existente dentro de cada uma dessas mulheres. A força dessas personagens e sua construção social têm inspirado várias mulheres e a prova disso são as muitas pesquisas desenvolvidas sobre suas obras, principalmente, aquelas que se debruçam sobre a personagem feminina.

## 5 LIA DE MELO SHULTZ: MULHER E RESISTÊNCIA

O contexto em que transita o enredo da obra *As Meninas* é o da ditadura militar. Sabemos o quanto esse período foi doloroso para a sociedade da época, principalmente para as pessoas que faziam parte de grupos de esquerda<sup>†</sup> e que lutavam diretamente contra o regime ditatorial. A personagem Lia de Melo Shultz, apelidada pelas amigas, Lorena e Ana Clara, de Lião, é a personagem que mais sofre com a ditadura. Lia é uma militante comunista e está diretamente ligada a luta contra a ditadura. Através de muitas falas da personagem podemos perceber as várias críticas que ela faz ao sistema, como podemos destacar no excerto a seguir:

[...] Ah. Esse. Era esse Lacan e uma outra doutora americana, eu também sabia o nome. Enfim, não interessa. Agora virou antiedipiana: somos todos mais ou menos loucos, bobagem trancar alguns, entende? A loucura vem do sistema. Acabar com o sistema para acabar com a doença (TELLES, 2009, p.210).

Lygia constrói a personagem Lia como meio para denunciar todo o mal que aquele regime causava à sociedade. Além de Lia, temos também alguns personagens secundários, que fazem parte da luta e que a personagem faz menções a eles várias vezes, denunciando assim as atrocidades que eram praticadas pela ditadura militar.

Sabem que você foi preso e torturado, menino corajoso esse Miguel, é preciso ter coragem, bravo, bravo. Sabem que Silvinha da Flauta foi estuprada com uma espiga de milho, o tira soube do episódio do romance do Faulkner, alguém contou e ele achou genial, “Milho cru ou cozido?”, perguntou o outro e ele deu pormenores: “Milho esturricado, aqueles grãos espinhudos!” [...] Eurico continua sumido, foi preso assim que desembarcou e até agora ninguém sabe dele. Desapareceu como personagem de ficção científica, quando o homem metálico emite o raio e o tipo se dissolve com revolver e tudo e fica no lugar uma manchinha de gordura. O Japona deixou uma maleta na casa do irmão, avisou que ia buscar no dia seguinte, faz um ano isso, a maleta ainda está lá (TELLES, 2009, p.32-33).

Como podemos observar no trecho acima, Lia relata os fatos ocorridos com seus amigos e demonstra revolta diante dos casos de tortura e das mortes de seus amigos de luta. De acordo com (Gaspari 2002 apud Oliani 2013) “[...] durante o primeiro governo, dirigido pelo general-presidente Castelo Branco, iniciaram-se as prisões e torturas de pessoas consideradas suspeitas de praticar ações contra o Estado”.

É importante destacar que, além de seus amigos, o namorado de Lia, Miguel, que é mencionado no excerto acima, também é integrante do grupo esquerdista do qual ela faz parte. Miguel é um preso político, e é libertado da

---

<sup>†</sup>“Os ideólogos de esquerda pretendem aperfeiçoar o mundo por meio de políticas que insturem a justiça social, ou o igualitarismo, ou a socialização dos meios de produção econômica, ou qualquer outra ação que remeta à ideia de igualdade.” (FERNANDES, 2021, online)

prisão junto com mais 14 presos após o sequestro do embaixador Charles Elbrick. Após esse acontecimento, Lia recebe a notícia de que Miguel será exilado para a Argélia, como podemos observar em sua conversa com Bugre no trecho a seguir:

- Então Bugre?
- Foi tudo adiado, tem coisas mais importantes acontecendo. E uma boa notícia para você. [...]
- Boa notícia pra mim? Fala, Bugre. [...]
- Miguel está na lista dos que vão ser trocados.
- Na lista? [...] Miguel está na lista?
- Seu namorado vai embarcar. Argélia. Um dos primeiros da lista, queria estar no lugar dele. A notícia sai amanhã, pode ir arrumando o passaporte.
- O Miguel? Na Argélia? Vamos ficar juntos? Demais, Bugre, demais. Não sei explicar mas estou tão atordoada! Vamos ficar juntos, é isso? Tenho que arrumar o dinheiro... Perdão, oriehnid! É cara a passagem? Enfim, não tem importância, falo com minha gente, a *gens lorenensis* também vai ajudar, é evidente. Argélia? (TELLES, 2009, p. 139-140).

Diante disso, podemos perceber que Lia também tinha motivos pessoais para participar da luta. A personagem abdica de seus amigos, estudos e família para acompanhar seu namorado no exílio, porém, é importante salientar que, para muitos jovens envolvidos na luta, permanecer no Brasil se torna perigoso, como aponta Oliani “Esse destino de Lia, o auto-exílio, foi comum a vários militantes e simpatizantes da esquerda nos anos de 1970. Para muitos, ficar no Brasil poderia significar aprisionamento, tortura, morte ou desaparecimento” (2013, p.101). Com isso, entendemos que, Lia não deixa o seu país apenas para permanecer ao lado do companheiro, mas principalmente por uma questão de segurança e sobrevivência.

Sabemos que a mulher sofreu um grande apagamento durante vários acontecimentos no Brasil e no mundo. Na história da luta contra a ditadura militar, não poderia ser diferente. Todo o mérito da luta é dado aos homens, os livros que relatam esse período histórico nos confirmam esse fator. Sobre esse ponto, Colling nos diz que:

A história da repressão durante a ditadura militar e assim como a oposição a ela é uma história masculina, basta que olhemos a literatura existente sobre o período. As relações de gênero estão aí excluídas, apesar de sabermos que tantas mulheres, juntamente com os homens, lutaram pela redemocratização do país. Ousar adentrar o espaço público, político, masculino, por excelência foi o que fizeram estas mulheres ao se engajarem nas diversas organizações clandestinas existentes no país durante a ditadura militar (COLLING, 2015, p. 378).

Através da personagem Lia nós conseguimos enxergar essas mulheres que contribuíram positivamente na luta contra a ditadura. É importante destacar que, além da luta contra a ditadura, o discurso de Lia apresenta falas que vão de encontro ao patriarcalismo e autoritarismo da época. Apesar de não ter feito parte de nenhum grupo do movimento feminista, Lia enfatiza vários questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade, o que de acordo com Zolin (2009) a caracterizaria como uma personagem da *fase feminista* que, como apresentamos no terceiro tópico desta pesquisa, foi a fase na qual as

autoras começaram a questionar, através de suas personagens, o papel designado a mulher.

A seguir mostraremos um trecho no qual Lia repudia a fala machista do motorista de sua amiga Lorena:

— A filha também lhe dá alegria?

[...]

— Essa moda que vocês têm, essa de liberdade. Cismou de andar solta demais e não topo isso. Agora inventou de estudar de novo. Entrou num curso de madureza.

— E isso não é bom?

— Só sei que antes de fechar os olhos quero ver a garota casada, é só o que peço a Deus. Ver ela casada.

— Garantida, o senhor quer dizer. Mas ela pode estudar, ter uma profissão e se casar também, não é mais garantido assim? Se casar errado, fica desempregada. Mais velha, com filhos, entende?

— A Loreninha também fala assim mas vocês são de família rica, podem ter esses luxos. Minha filha é moça pobre e lugar de moça pobre é em casa, com o marido, com os filhos. Estudar só serve pra atrapalhar a cabeça dela quando estiver lavando roupa no tanque.

[...]

— E se ela casar com uma droga de homem e depois virar aí uma qualquer porque não sabe fazer outra coisa? Já pensou nisso? Me desculpe falar assim duro mas vai ter que prestar contas a Deus se começar com essa história de dizer, case depressa filhinha porque senão seu paizinho não morre contente. Se acreditar nela aposto como ela vai querer merecer essa confiança, vai ser responsável. Se não, é porque não tem caráter, casada ou solteira ia dar mesmo em nada (TELLES, 2009, p. 219-220).

Vemos no trecho acima a fala machista do motorista de Lorena, que só acredita que sua filha será feliz se casando, pensamento que era diferente quando se referiam aos filhos. Esse pensamento é resultado do sistema patriarcal que, por muito tempo, colocou a mulher no papel de anjo do lar; a mulher era sempre vista como o sexo frágil e seus direitos eram negados; a elas era designado o papel de cuidar da casa e dos filhos.

Esse desejo dos pais verem suas filhas casadas era muito presente na época e até hoje ainda perdura. Apesar de Lia ter tido a liberdade de sair do estado onde morava para vir pra São Paulo estudar, nós percebemos, em algumas de suas falas, que o desejo de seus pais era outro “Queriam tanto ver a filha recebendo diploma. Noivando. Noivado na sala e casamento na igreja, com vestido de abajur. Arroz na despedida. Os netos se multiplicando [...]” (TELLES, 2009, p. 33-34). Percebemos que mesmo os pais lhe dando certa liberdade, mesmo a ajudando financeiramente para que ela pudesse se manter em São Paulo e ainda contribuindo financeiramente para que ela fosse para Argélia, esse não era o primeiro desejo deles, principalmente por Lia ser engajada na luta contra a ditadura. Colling (2015, p. 380) aponta que “[...] a família também se mostrava desgostosa pela opção de suas filhas. Gostariam que elas permanecessem nos papéis sociais destinados à mulher – o casamento, único passaporte para a felicidade feminina”.

Lia, além de ser engajada na luta contra a ditadura e a favor da liberdade da mulher, ela também se posicionava a favor de algumas causas sociais, como a luta contra a homofobia. Em algumas de suas falas, Lia sai em defesa dos homossexuais, como podemos observar em um trecho de sua

conversa com a mãe de Lorena, mulher de crenças e atitudes machistas e homofóbicas:

— [...] Ela ainda é virgem?

— Ainda.

— Fico tão feliz por saber que ainda é pura. [...] Você não acha que ela se interessa pouco por sexo? Tenho às vezes tanto medo, está me compreendendo? Aparecem tantas ultimamente, você sabe, essas moças...

[...]

— Não quero ser rude, mãezinha, mas acho completamente absurdo se preocupar com isso. A senhora falou em crueldade mental. Olha aí a crueldade máxima, a mãe ficar se preocupando se o filho ou a filha é homossexual. Entendo que se aflija com droga e etecetera mas com o sexo do próximo? Cuide do próprio e já faz muito, me desculpe, mas fico uma vara com qualquer intromissão na zona sul do outro. [...] Um preconceito tão odioso quanto o racial ou religioso. A gente tem que amar o próximo como ele é e não como gostaríamos ele fosse (TELLES, 2009, p. 237-238).

Apesar de apenas Lia ser objeto de estudo dessa pesquisa, é importante destacar a sororidade existente entre ela e as outras duas personagens principais, Lorena e Ana Clara. As duas personagens, principalmente Ana Clara, se apresentam de forma passiva diante da luta de Lia e seus amigos contra o regime. Ana Clara, por ter tido uma infância muito conturbada precisa conviver com diversos traumas e se preocupa apenas com seus trabalhos como modelo, em fazer sua cirurgia para restituir sua virgindade, para casar com um homem rico.

Já Lorena, mesmo não participando da luta, se preocupa com Lia e seus amigos “Jesus, eu te amo. Ia esquecendo, salve também os meninos da Lião, estão presos ou vão ser, salve os meninos tão fortes e tão frágeis, somos todos muito frágeis” (TELLES, 2009, p. 108). Além de se preocupar e entender a luta de Lião e seus amigos, ajuda a amiga, mesmo que indiretamente, seja com o empréstimo do carro de sua mãe ou doação em dinheiro, como podemos ver no trecho a seguir, em que Lorena diz que pagará a passagem de Lia para Argélia:

— O problema é o seguinte, só no fim do mês meu pai vai poder me dar o dinheiro...

— Oriehnid! Oriehnid!

— O oriehnid, entende? Eu disse que estava perfeito mas estou a fim de ir antes, as coisas se precipitaram. Você poderia me emprestar? No momento em que me pai, putz. Seria um adiantamento.

— Mas é lógico, Lião. Mãezinha depositou em meu nome uma fortuna, o famoso carro esporte. [...] Quanto é a passagem?

— Vou saber agora.

— Leve um cheque só assinado e bote lá a quantia que for mas com margem, Lião pelo amor de Deus, bastante margem para o seu começo. Me mato se souber que você está passando fome [...] (TELLES, 2009, p. 213-214).

O ápice de união entre as três se dá no momento em que Ana Clara morre. Aninha precisava conviver com os traumas de sua infância e, diante disso, ela se entrega as drogas e vem a falecer vítima de overdose. Lia que durante toda a narrativa se mostra forte e resiliente, no momento da morte de

Aninha se desespera e se preocupa em como irão tirar o corpo do local, visto que Aninha faleceu no pensionato onde elas residiam. Além disso, o ocorrido seria um risco para Lia:

- Cuidado, Lião, assim você acorda as freirinhas!  
 — E daí? Não posso chorar alto? Ela está morta, Lena, ela está morta! Por que você está aí cochichando? Por que esse mistério?  
 [...]  
 — Lorena, tenha juízo e para com esse teatro, entende? Você vai chamar Madre Alix e eu vou desaparecer, me dê o tempo de fazer a mala e sair, não posso ficar nem nas imediações quando essa morte explodir e a polícia se instalar nesta mansarda! Conforme os jornais, ela morreu devido a uma dose excessiva de barbitúricos, sabe o que isso significa, não sabe? Preciso ir embora — digo e enxugo os olhos na manga da camisa, não quero chorar e os olhos continuam jorrando feito cascatas. — Você é perfeita, as freiras são santas, mas e eu? Deixamos o corpo lá no quarto, não chamamos ninguém [...] (TELLES, 2009, p. 263-264).

Lorena entende o risco que a morte de Ana Clara causaria para Lia e o escândalo que seria caso o corpo fosse encontrado no pensionato. Assim, ela nos surpreende positivamente pois, durante toda a narrativa, Loreninha sempre se apresentou muito frágil. Porém, diante da morte de Aninha, ela se mostra calma, forte e estratégica, quando decide que elas tirarão o corpo de Aninha do pensionato.

- [...] Ana Clara não pode morrer drogada num quarto do Pensionato Nossa Senhora de Fátima. Não pode. Sabe o que isso vai significar para as freirinhas? Para Madre Alix? Ela amava tanto Madre Alix, não havia de querer comprometê-la num escândalo desses, estou fazendo tudo como Aninha gostaria que fosse feito. Deus me inspirou, pedi inspiração e Ele me deu, depois que tive essa ideia cheguei a sentir uma certa paz. Posso mudar, querida. Se a morte não tem remédio, posso ao menos salvar as circunstâncias (TELLES, 2009, p. 272).

Após essa decisão, elas arrumam Ana Clara da melhor forma possível, tiram o corpo do pensionato e a levam dentro do carro. Elas deixam Ana Clara sentada num banco de uma praça, para que assim Lia pudesse seguir sua viagem sem riscos e não houvesse nenhum escândalo para as freirinhas. Depois disso, Lia embarca para a Argélia e Lorena volta ao pensionato.

Dessa forma, podemos perceber que mesmo diante das diferenças existentes entre elas, nesse momento, elas se unem e fazem tudo como Ana Clara gostaria que fosse feito, fazendo assim com que ninguém fosse prejudicado pelo acontecimento de sua morte. Observamos que Lia é uma representação de várias mulheres daquela época, mulheres que além de lutarem contra o regime ditatorial, lutam também por diversas causas pessoais e sociais. Lia, como uma representante da mulher na literatura modernista transita dialoga com a construção da mulher forte e resistente, na contemporaneidade, ainda assim, sensível e humanitária, na luta pelo lugar do sujeito feminino.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procuramos apontar como o patriarcalismo e autoritarismo influenciou a vida das mulheres, sua construção política e social. Problematicamos o apagamento do sujeito feminino na história, e o mascaramento de sua luta contra a ditadura militar no Brasil, representados pela personagem Lia. Apesar das diferenças entre *As Meninas*, as três protagonistas se mantêm unidas. Através da personagem Lia, que como vimos, é a mais afetada pelo sistema, por ser justamente a que luta diretamente contra ele, conseguimos identificar as várias mulheres que lutaram contra o regime, como também, as que lutaram no combate ao sistema patriarcal.

Vimos o quanto as mulheres precisaram lutar para ocupar o seu lugar na literatura brasileira, pois por muito tempo, escrever foi um direito masculino e fomos representadas através de personagens que eram idealizadas por eles. A leitura da obra *As Meninas* é de suma importância, pois Lygia Fagundes Telles, além de fazer denúncias contra o regime ditatorial, ela nos traz uma obra com três protagonistas mulheres, símbolos de resistência em suas especificidades, e que, apesar das adversidades, permanecem unidas. Lygia também apresenta na obra temas que, ainda hoje, são considerados tabus para a sociedade, como o aborto e a homossexualidade.

Durante a pesquisa, refletimos sobre como a leitura da obra *As meninas* é importante, como a leitura de obras de autoria feminina são significativas, pois sabemos o quanto essas obras podem dialogar com os leitores. Faz-se também importante que haja uma prática de leitura de obras femininas nas escolas, para que através delas, os leitores possam conhecer e dialogar sobre a condição e representação feminina. Na atualidade, vemos que várias são as escritoras que nem se quer são citadas em sala de aula.

Assim, vemos que é urgente que pesquisadores/professores desenvolvam projetos de leitura para apresentar essas obras aos leitores; que as autoras da nossa literatura não sejam conhecidas apenas nas universidades, mas que comecem a ser reconhecidas, discutidas e referenciadas em todas as práticas de leituras e em todos os níveis da aprendizagem literária.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINO, M. L. S. **Uma análise da construção das protagonistas do romance *As Meninas* – Lygia Fagundes Telles**. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BRANDÃO, R. S. A mulher escrita. In: BRANCO, L. C; BRANDÃO, R. S. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004, p. (10-94)

CANDIDO, A. A personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014, p. ( 51-80)



COLLING, A. M. 50 anos da ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero. **OPSIS**, v. 15, n. 2, p. 370-383, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/33836>.

FERNANDES, Cláudio. Direita e Esquerda. **Brasil Escola**, 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/politica/direita-esquerda.htm>. Acesso em 12 de outubro de 2021.

FORSTER, E. M. **Aspectos do Romance**. 4. ed. São Paulo: Editora Globo, 2005.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. 8º ed. Ática, 1995.

NASCIMENTO, M. V. O. Sobre a História da Literatura e o silenciamento feminino: questões de crítica literária e de gênero. **Historiae**, v. 6, p. 283-301, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/5418>.

OLIANI, N. G. **As representações da mulher em As Meninas, de Lygia Fagundes Telles**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2013.

ROSENFELD, A. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014. p. (9-50)

TEDESCHI, L. A. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, Dourados, v. 10, n. 21, p. 153-164, maio 2016. ISSN 1984-4018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217>.

TELLES, L. F. **As meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZOLIN, L. O. Crítica Feminista. In: BONNICI, T. ZOLIN, L.O. (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.

ZOLIN, L. O. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, T. ZOLIN, L.O. (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 327-336.